EXPEDIENTE.

Para outro numero a resposta que se nos envia ao artigo 3682.

— *Um assignante da Revista* que nos escreve de Beja a 19 de janeiro, queira ter a bondade de assignar e faser reconhecer o seu nome, porque factos assim graves não são para publicar quando nem sequer se conhece a pessoa, que nol-os refere. O que podemos fazer-lhe é o mesmo que muitas vezes temos feito a outros; guardarmos o seu nome só para nós, se nos declarar ser essa a sua vontade.

CONHECIMENTOS UTEIS.

MODO DE PRESERVAR DE INSECTOS E APERFEIÇOAR AS ARVORES FRUCTIFERAS.

(*Tirado de uma obra franceza estimada.*)

3843 Usam por muitas partes e ha já tempo caiar os troncos e ramos das arvores fructiferas, para que os insectos as não rôam: não é a melhor receita: ha outra muito mais efficaz, da qual em Inglaterra se servem geralmente e que todos podem sem custo experimentar e seguir.

Toma-se a sobrecasca verde das nozes e folhas de nogueira, e coze-se tudo muito bem cosido: quando se vê que a agua está já muito carregada, deixa-se evaporar até ficar em consistencia de lambedor; ajuncta-se-lhe ourina que não tenha mais de tres dias: e deixa-se ficar esta mixtura 24 horas: côa-se por um panno grosso ou por uma peneira. Derrete-se-lhe dentro cal ordinaria em quantidade e de modo que o mixto fique com a consistencia de cal para caiar.

Em quanto tudo isto se faz, vae-se preparando á parte outro mixto, a saber: um cosimento de ferrugem de chaminé, no qual se deita fel de vacca e uma porçãosinha de flor de enxofre: mistura-se o primeiro com este segundo liquido, e mechem-se até ficarem perfeitamente combinados.

Assim que as arvores se despem, cobrem-se, desde o chão até ás pontas dos ramos, com uma camada d'este liquido e assim ficam livres dos insectos. Se uma simples camada de cal os mata depois de saídos dos ovos, uma camada d'esta composição esterilisa e destroe os proprios ovos postos nos ramos, e affugenta a quaesquer insectos que podessem ter tentação de irem fazer por alli as suas posturas.

Toda a pessoa, que fizer, com exacção e cuidado, a experiencia d'esta receita, ha-de achar os seguintes resultados:

1.° De duas arvores convisinhas, uma assim medicada outra não, a primeira sairá intacta de animalculos parasitas, em quanto já póde ser que a segunda seja por elles roida e morta.

2.° A arvore d'esta arte bemfeitorisada por alguns annos ganhará muita robustez e uma bella camada cortical, o que é, segundo todos sabem, um beneficio para qualquer arvore grandissimo.

3.° O trabalho que esta operação custa bem pago ficará com a maior quantidade e melhoria de qualidade dos fructos para as seguintes colheitas.

4.° Finalmente, este mesmo trabalho é muito menos enfadonho e dispendioso que o de catar e limpar as arvores como alguns lavradores fazem por curiosidade e como em França manda a lei que o façam todos.

OS PARDAES: QUESTÃO RURAL E MUNICIPAL.

[*Communicado.*]

3844 Entes sem prestimo não os creou Deus. Os pardaes, que são porventura das familias dos passaros a mais numerosa em toda a parte, são tambem a mais maldicta e perseguida dos lavradores. Calculou-se em França, que o sustento de cada pardal deve andar por meio alqueire de grão annualmente; e que os pardaes n'aquelle reino não serão para menos de dez milhões, custando por consequencia a sua mantença cinco milhões de alqueires que valem pouco mais ou menos 9 milhões e 375 milfrancos[obra de 1.500:000$000.] Em summa, cada pardal custa á França por anno um franco. Mas calculou-se tambem por outra parte, que cada pardal destroe por semana 3360, entre bruchos [insectos que devoram os grãos] e insectos de outras especies tambem nocivos.

Pelo que parece ficar sendo problematico se o pardal é damninho ou proveitoso. Mas em favor seu ha um facto mui notavel: no Palatinado, onde os cultores se amesquinhavam todos com as derrotas que estes passaros lhes faziam nas searas, puzeram-lhes as cabeças a preço; morreram muitos, chegou-se-lhes quasi a exterminar a casta; ¿mas qual foi o exito? prejuizos ainda muito maiores causados pelo espantoso sobrecrescimento dos insectos; por modo que passaram a offerecer premios pela importação de pardaes. A experiencia lhes mostrou que os pobresitos a quem haviam tractado como a salteadores, não eram senão servos providenciaes e operarios livres que os ajudavam só pelos bocados da bocca, posto que em verdade não fossem lá dos mais sobrios.

E' este um ponto merecedor de exame e discussão dos peritos.

APANHA DA AZEITONA E FABRÍCO DO AZEITE.

(*Continuado de pag.* 323.)

CULTURA DAS OLIVEIRAS.

3845 Pergunta o Sr. Verissimo se será util que os donos dos olivaes cultivem melhor as suas oliveiras, e se pagarão esse augmento de trabalho? responderemos, que ha lavradores que cultivam as suas oliveiras com tanto esmero, que se não póde exceder, e esses tem satisfeito da sua parte. — Em quanto aos que desprezam a sua cultura, responderemos; que as oliveiras assim como todas as arvores e plantas que não são de uma natureza verdadeiramente silvestre, muito agradecem a seu dono a boa cultura, como são as lavoiras, adubios e estercos que este lhe deita; augmentando d'esta arte o poder creador da terra, e o seu agradecimeto, mostram-o recompensando o dono com o augmento de fructos; e se nas mais arvores se observa este fenomeno mui sensivel se torna nas oliveiras. Ninguem haverá por tanto de boa fé, que negue a conveniencia da cultura da oliveira, e se algum lavrador é menos zeloso com tão preciosa arvore, dever-se-ha attribuir essa falta, ou a mingua de meios, ou a inepcia sua.

Pergunta mais o Sr. Verissimo, qual será mais util deixar crescer as oliveiras, não podendo depois disfructal-as sem o barbaro uso das varas ou obrigal-as a tomar uma fórma particular, afim de se poderem colher á mão, ou com ripanços? Responderemos, que a theoria de obrigar as oliveiras a toma-

rem uma fórma differente da natural, seria impraticavel, e mesmo que fôra praticavel seria prejudicialissima, pelo menos em referencia a estes sitios. Porque maneira poderiamos sujeitar as oliveiras a crescer de um determinado modo? Seria necessario que todos os annos innumeraveis operarios armados de instrumento proprio (só poderá ser thesoira de jardineiro) tosquiassem as pontas das pobres arvores á maneira de buxo de jardins: e esta operação seria summamente dispendiosa, punha em risco a existencia das arvores, e nenhuma vantagem mostrava. Segundo o usual systema, varios fructos se produzem debaixo das oliveiras, o que segundo o novo systema se tornava impraticavel; porque ou as oliveiras tocando umas nas outras fariam um tapume com os ramos que tornaria o solo infructifero, ou occupariam um espaço infinito querendo-se-lhes deixar intervallo. — Demais os ramos assim estendidos horisontalmente quebrariam facilmente com o pêso da azeitona; e não poderiam suster o de um homem. Qual seria o lavrador que havia de ter alma para espesinhar as suas oliveiras apoucando-lhes a existencia e vegetação, á medida que visse as do visinho medrar com liberdade elevando os alterosos ramos e accrescentando a circumferencia frondosa? não teria dó de vêr que as suas oliveiras definhadas pelo ferro que lhe cortava os principaes ramos produziam pouca azeitona, á medida que as do vesinho subindo viçosas para o céu carregavam de fructo?

D'onde iria o Sr. Verissimo descubrir, que as oliveiras grandes produzem menos que as pequenas, quando trouxe esse inconveniente para mostrar a necessidade de se lhe amputarem as pontas, a fim de se lhe impedir o crescimento natural? S. S.ª certamente se equivocou; dar outra interpretação ás suas palavras, seria offender a sua sciencia.

VAREJO.

Os Srs. Verissimo e Forrester aconselham, que a azeitona se côlha á mão, a fim de se não estragarem as oliveiras, quebrando-as com as varas, d'onde resulta, dizem elles, serem as colheitas alternadas, necessitando ressarcirem em um anno as perdas soffridas, para poderem no outro fructificar — responderemos: — A colheita da azeitona á mão, relativamente á nossa provincia, sobre ser uma theoria insustentavel na pratica, seria dispendiosissima e inutil. — Seria insustentavel, porque para se effectuar, tornava-se necessaria uma infinidade de escadas de altura tal, que será impossivel encontral-as e construil-as sem um dispendio excessivo. — Em ultimo resultado, se dois homens varejam uma grande oliveira em um dia, nem oito a poderiam colher á mão: e ramos haviam de ficar aonde não seria possivel chegar — Em quanto á ripagem aconselhada pelo Sr. Verissimo, esta só poderia ter logar nas pontas dos ramos, porque no interior da oliveira obstaria ao ripanço o emmaranhado dos mesmos: por tanto ficaria grande quantidade de azeite no interior da oliveira, o que demandava necessariamente o varejo como segunda operação; e este tão dispendioso, como se tal ripanço não tivera existido, porque uma varada que deita uma azeitona, bem deitaria uma duzia se ahi existiram. E que utilidade se tiraria de tão enormes despezas? nenhuma. — Essa apregoada alternação das colheitas é imaginaria, pelo menos em relação a estes sitios; aqui as melhores qualidades de oliveiras todos os annos fructificam da mesma fórma, não obstando serem todos os annos varadas, e pelo contrario n'esses cantões meridionaes da França, aonde a azeitona se côlhe á mão, ahi mesmo é aonde se observam as colheitas alternadas, (*Maison rustique du 19 Siecle*).

Alguns querem que o quebramento de piquenos ramos causado pelas varas, em vez de prejudicial seja util: consideram-n'o como uma póda. Não deixamos nós de conhecer que uma varejadura feita por homens asselvajados, e que deixe as oliveiras em arvore secca será prejudicialissima ás mesmas; mas a presença do dono deve obstar a essa devastação barbara, e se nós deixamos a diligencia á descripção dos rusticos, maior será o estrago que causarão colhendo a azeitona á mão ou com ripanço do que com a mesma vara. — Colhendo-a á mão puxarão pelos ramos e quebral-os-hão, não esses raminhos que a vara quebra, mas sim grandes ramos. E se elles se vêem armados do tal ingenhosinho que farão? os ramos emmaranhados farão resistencia, e a força bruta actuando quebrará quanto se lhe oppuzer. — E quantos ripanços serão destruidos diariamente? — este remedio seria peior que o proprio mal.

ENTULHAÇÃO.

Dizem os Srs. Verissimo e Forrester: — a apanhadura da azeitona á mão tem o conveniente de não ir esta maçada e contusa para a tulha, e ir limpa de folha e terra, o que não se dá no varejo, que deitando-a á terra ainda ahi é necessario apanhal-a á mão: — responderemos que aquelles Srs. certamente ignoram o methodo aqui seguido, o que nos faz crer que somos mais civilisados do que pensavamos. Em cada rancho de varejadores ha duas ou quatro mulheres encarregadas da administração das lonas (grandes lençoes feitos d'estas); com ellas cobrem o terreno antes do varejo, de fórma que a azeitona caia em cima, e eis que os varejadores começam a descer, juntam-se as lonas, e mete-se a azeitona em saccos, ou alimpa-se logo alli no campo, atiram-n'a ao ar com uma pá, sobre cama feita de lona, aonde cae inteiramente livre dos corpos estranhos: — tres homens em um dia alimpam bem 200 saccos ou mais. — Tirada a azeitona das lonas são estas novamente estendidas debaixo da oliveira immediata, e assim seguidamente. E' mui piquena a quantidade que cae no chão. Ao dizerem aquelles Srs. que a azeitona contusa com as varas sendo amontoada nas tulhas apodrece, aquece e fermenta; e que melhor fôra deposital-a bem espalhada em camadas de meio palmo; responderemos, que isso seria argumentar contra uma experiencia firmada nos mais saudaveis resultados. A azeitona junta na tulha, pela qualidade oleosa que possue, nem apodrece, nem fermenta, pelo menos nem exhala máu cheiro, nem azéda; expelle a agua ruça, e fica só a polpa empregnada de azeite: aquece, é verdade, é isto um facto que me não cumpre averiguar, mas elle é uma condição, *sine qua non*, d'ella fundir em azeite. Aqui espera-se que a azeitona amontoada aqueça, afim de começar a feitura do azeite, porque uma diuturna experiencia tem mostrado, que quando senão desinvolve o calorico nas tulhas, rende muito menos azeite: quando v.g. um moinho tirado de uma tulha cuja azeitona está calidissima rende seis cantaros, um moinho tirado da tulha do pobre aonde está bem arejada e bem arrumada, e por consequencia secca como bugalhos, apenas produz tres cantaros, e de muito peior gosto e qualidade. Relativamente a salgar

a azeitona, é coisa que nunca vimos, e como a putrefação ou se não dá ou se se dá não lhe distroe alguma das suas qualidades oleaginosas, julgo ser mais uma despesa senão prejudicial pelo menos inutil. Eis em summa as minhas idéas relativamente ás doctrinas contidas nos dois artigos supra mencionados, que tendo sido extraídos de escriptores estrangeiros julgo inaplicaveis ao nosso paiz.

Concluo supplicando aos illustres auctores dos artigos, que se não olvidem da sua promessa, que ja nos dá um direito que de modo algum renunciamos, e que vem a ser, o apresentarem ao publico maquinas de moer e espremer a azeitona, caracterisadas com o cunho do progresso e aperfeiçoamento moderno: isso seria sem duvida, o maior beneficio para a nossa agricultura.— A maquina de que o Sr. Forrester apresenta gravura, não a podemos entender por falta de explicação, e não sabemos se será proficuo que o azeite não seja purificado com a agua quente. — Devo advertir que eu tenho fallado, esquecido do estado recente de nossos olivzes. *Um Lavrador de Traz-os-Montes.*

BEBIDA PARA VERÃO, ECONOMICA E SAUDAVEL.

3846 Os CAMPONEZES da Polonia usam muito, — diz um accreditado viajante francez, — de uma bebida fresca e sadia, cuja receita é esta: —

Em sessenta canadas de agua lançam-se cinco onças de flôr de sabugo: cinco libras de assucar de caixa, uma canada de vinagre branco e outra de agua-ardente ordinaria. Deixa-se ficar este mixto, por espaço de tres dias, remechendo-o uma vez por dia: depois engarrafa-se; e passados quatro dias, está prompto. Esta bebida é mais agradavel que o *quass* dos russos porém menos que a cerveja: entretanto os que se lhe acostumam, gostam d'ella, e como faz muito bem á saude, e custa dez vezes menos que a cerveja, muita gente haverá a quem não desagrade experimental-a, e depois de experimentada seguil-a.

COMPOSIÇÃO PARA LACRAR GARRAFAS.

(Communicado.)

3847 Não ha composição melhor para tapar hermeticamente garrafas de vinho, de licor ou de qualquer outro fluido espirituoso, que a seguinte: —

Quatro partes de colophonia, quatro partes de pez-resina e uma parte de cêra.

Derrete-se primeiro a cêra; ajuntam-se-lhe depois as outras duas substancias, e quando tudo se acha bem derretido e misturado, mergulha-se dentro a bocca da garrafa rolhada, e tendo-a deitada ou horisontal faz-se girar entre as mãos para que este misto fique por toda a parte egual e liso.

Quem quizer que a massa fique mais bonita e transparente conseguil-o-ha misturando-lhe duas partes de gomma laca.

O NOVO CANAL DAS ONIAS, OU O ARTIGO DO EXM.º SR. MOUSINHO DE ALBUQUERQUE, INSERTO NO DIARIO DO GOVERNO N.º 12 D'ESTE CORRENTE ANNO.

3848 LÊ-SE na obra intitulada *Viagens de C. Dupin á Inglaterra*, que n'aquelle paiz ha o excelente costume de consultar toda a gente de um districto em que se pertende fazer alguma obra publica á custa do povo, expondo-lhe os projectos, dando tempo sufficiente para se informarem e pensarem sobre elle, tanto as auctoridades locaes, como os particulares; e sómente depois de bem conhecida a utilidade da obra é que se intenta. Entre nós tudo se passa pelo contrario: falla-se de uma empreza, e não se sabe como ha-de ser executada: de ordinario confia-se aos estrangeiros, reputando-os incapazes de errar; e se alguma vez se confia aos nacionaes nem isso se publica.

D'este máu systema resulta que se alguem fizer as suas observações, levado unicamente do amor do bem publico, vai offender os interesses já criados, e o amor proprio de individuos que respeita, e que de nenhum modo queria desgostar.

Muito me admiro de ver imitar a Inglaterra em tudo quanto ha; leis que se fazem nas côrtes; maneiras de viver particularmente e na sociedade; etc. etc. e não se imita n'isto das emprezas, sendo aliás de tão evidente utilidade!.... Admiro-me tambem de quê, sendo a publicidade e a discussão alma do systema constitucional, S. Ex.ª lhe chame — *desagradavel assumpto!* —

Por conseguinte, não desejando por nenhuma fórma causar mortificação a S. Ex.ª, dirijo-me unicamente aos contribuintes das obras dos canaes e vallas da *Azambuja*, *Virtudes* e *Onias*, assim como o exm.º director d'estas obras se dirigiu á companhia da empreza; limitar-me-hei á simples investigação da qualidade dos barcos que devem navegar pelo canal; porque S. Ex.ª não o declarou no seu artigo, nem as condições do contracto o declaram positivamente; e depois d'isto examinarei os seus calculos relativos á possança do Téjo.

Diz S. Ex.ª no penultimo paragrafo do referido artigo que no novo canal projectado — *desde as Onias até ao Reguengo* — deverá ter 2,2 metros (nove palmos e nove decimos) de profundidade, e que os maiores barcos que navegam no Téjo demandam apenas septe palmos e meio de agoa, e por isso poderão navegar em todo o canal projectado; diz mais que — as conchas ou tanques das reprezas podem admittir barcos da lotação de 600 moios de carga proximamente, — *Podem admittir*, — *poderá navegar* é o que se lê; mas o que eu desejava saber é — se esses barcos hão-de saír pela porta das *Onias* ou não?

Como S. Ex.ª o não declara, forçoso é estabelecer tres hypotheses para poder discorrer, visto que alguma d'ellas ha-de ter logar. 1.ª supponho que esses barcos grendes entrão no canal e não passam das portas das *Onias*: 2.ª que sahem pelas portas; mas não podendo navegar pelo rio acima durante o verão, ficam incalhados na arêa ou boiando dentro de algum esteiro ou preza que alli se cave; 3.ª que sómente os varinos de fundo chato que podérem navegar com menos de tres palmos d'agua, é que se admittirão para navegarem rio acima até Abrantes, visto que em passando as enchentes, isto é desde a primavera até ao fim do estio, não ha mais fundo do que tres a tres e meio palmos termo medio.

Postos estes principios segue-se que, verificada a 1.ª hypothese, nenhum beneficio resulta á navegação do Téjo em geral, e tão sómente á interior dos productos dos terrenos adjacentes, muito cara porém nos fretes, e muito onerosa para os tres concelhos da *Azambuja*, *Cartaxo e Santarem*.

Verificada a 2.ª todo o beneficio consiste em trans-

ferir a estação de *Vallada*, aonde chegam os barcos grandes, para as *Onias*; mas tem graves consequencias; porque o leito actual do Téjo é um vastissimo areal e será impossivel manter por muitos dias aberto o esteiro ou preza que alli se cavar, visto que a corrente do rio a entulhará continuamente; e pela mesma fórma entulhará todo o canal, porque em cada serviço (ou *prezada* como lhe chama o exm.° director) para entrarem nas adufas 600 metros cubicos de agua em tres minutos, o que andará por coisa de mil e duzentas pipas, necessariamente se ha-de estabelecer uma corrente violentissima que arrastará com sigo muitas carradas de arêa.

Emfim, verificada a 3.ª hypothese segue-se que nada se ganhou; por isso que os varinos de pequena carga ou alijos podem vir carregar os barcos a *Vallada* sem pagar as despezas da passagem pelo canal. Não ha que fugir d'estas tres hypotheses; escolham d'ellas os Srs. contribuintes, a Illustre Companhia, e o Exm.° director a que mais lhe agradar.

Reproduzirei agora os calculos do referido Exm.° director ácerca da possança do Téjo no mez de septembro ultimo do anno proximo passado de 1844; pois elles são de uma grande importancia tanto para os nacionaes, como para os estranhos em razão de exclarecerem muito a geographia d'este paiz.

Largura da corrente fluida do Téjo, no estado da sua maxima seccura defronte das *Onias de Santarem* 358 metros, ou palmos craveiros 1:611. — Profundidade medea 0.65 ou palmos 2,925. — Velocidade media da corrente 0,60 ou palmos craveiros 2.7 — Vazão do rio por segundo 139 metros cubicos — idem por minuto 8:340 — idem por hora 500:400 — idem por dia ou 24 horas 12.009:600.

De todos estes calculos concluiu o Exm.° director das obras do canal, que septenta e cinco serviços ou prezadas das comportas apenas roubarão ao Téjo em cada 24 horas quarenta e cinco mil metros cubicos de agua, ou um 266 avos da sua totalidade.

Ora bem: vejamos a riqueza do Téjo ainda mesmo no seu estado de maxima seccura.

Consideremos o prisma de agua de mil seis centos e onze palmos de largura, por dois palmos e septe decimos (velocidade) como se estivesse gelado; cortemol-o em dez pedaços de cento sessenta e um palmos e mais um decimo cada um, e ponham-se em cima uns dos outros na nossa imaginação, teremos então uma columna de agua gelada de 161,1 palmos de comprimento; 2,7 de largura na base, e 29 e 1 quarto de altura: vale isto o mesmo que ajuntar-lhe a sua veia ou corrente. Se isto é verdade, segue-se que excede a altura de todas as barras de Portugal, á excepção da de Lisboa, e que n'aquella altura d'agua podiam navegar os maiores navios mercantes e até embarcações de guerra de alto bordo: comparemol-o com as barras.

A barra de Caminha, chamada do Sul que é a melhor, tem 17 a 18 palmos de altura em maré cheia; a de Vianna tem 26 a 27 na preiamar; a de Espozende 10; e de Villa do Conde 18; a do Porto 27 a 28; nas grandes marés 30; mas o seu fundo é cheio de escolhos; a de Aveiro 21 palmos de baixa-mar sobre o banco, que se tem levantado muito n'estes ultimos annos; a da Figueira 21 palmos em baixa-mar sobre o banco, que se tem levantado muito; a de *Villa Nova de Mil Fontes* 12 a 14 em preia-mar; a de *Villa Nova de Portimão* 23 em aguas vivas; a de Faro, a chamada *Barra Grande* 19 a 20 em maré cheia; a de Tavira fica a secco, e nas preias-mares tem grandes variações no seu fundo; a do Guadiana, que é propriamente de *Ayamonte*, 12 a 14 palmos em baixa-mar.

Tambem se faz muito sensivel a grande possança do Téjo ahi nas *Onias* atendendo a que o Exm.° director mostrou pelos seus calculos que, não obstante serem precisos ao canal 45:000 metros cubicos de agua em cada 24 horas, esta despeza vinha a ser um — *duzentos e sessenta e seis avos da veia corrente*: logo, toda esta veia empregada em canaes podia fornecer 266, navegando por elles ao mesmo tempo outros tantos barcos da lotação de seiscentos moios!.... Que riqueza d'agua, quando o facto que se apresenta todos os dias desde a primavera até ao fim do estio é o de roçarem os pequenos barcos alijos ou varinos com o seu fundo chato pela arêa, não obstante procurarem as mais possantes vêas e n'estas mesmas é preciso a cada passo cavar e abrir rota?.... Cheio pois de uma profunda admiração suspendo a escripta; porque sou

Um Obscuro Hydraulico.

OBRAS PUBLICAS.

3849 Chegou felizmente o tempo de vermos tomar aquelle emprego que devem ter os capitaes nacionaes, — *emprego productivo e util*, — se porventura forem bem applicados. Uma companhia de grandes fundos está formada para dar impulso ás obras de publica utilidade, de que tanto precisamos: Deus permita que nunca entre no animo dos directores o espirito de monopolio e de agiotagem; mas sim o de licito e rasoavel interesse; porque sómente por esta maneira poderão enriquecer-se e enriquecer tambem a nação para que possa pagar as contribuições annuaes destinadas para as mesmas obras, aliás secando-se a fonte da publica prosperidade ficarão inuteis esses fundos reunidos.

Partindo do principio que tudo se faz com boas intenções, irei lembrar algumas obras publicas de que mais depressa podemos tirar grandes vantagens.

Uma destas é sem duvida nenhuma o melhoramento do Tejo, para se poder navegar com facilidade até á raia de Hispanha, como propoz ha pouco Sr. Sá Nogueira: esta empreza limitada já a condições muito razoaveis merece ser auxiliada por todos aquelles portuguezes que tiverem amor de patria, principalmente os habitantes desta capital, porque se devem lembrar que esta obra necessariamente despertará os nossos visinhos hispanhoes (o exemplo é muito persuasivo): e bem depressa elles tornarão navegavel até Aranjuez a parte do rio que lhe pertence, donde resultará o vir a ser este nosso porto de mar um porto de duas capitaes: então receberá o commercio grande impulso, e delle provirão immensos interesses. — Antes porém, de chegar esse feliz resultado nós sentiremos logo os beneficios resultantes de uma navegação facil, prompta e barata; os productos da agricultura das provincias da Beira e do Alem-Téjo confinantes com o rio aqui virão procurar este mercado por preços mais commodos e os terrenos até agora incultos bem depressa se cobrirão de cearas, de arvoredos e de gados em razão de poderem os seus proprietarios dar extracção aos generos.

A obra é menos dispendiosa do que parece á primeira vista, porque consiste em desfazer os obstaculos dos açudes, feitos, pela maior parte, de estacas e fachinas, as pesqueiras da mesma natureza e adoçar os rapidos; desviar algumas pedras, quebrar outras, abrir caminhos de cirga, e plantar arvore dos nos areaes do baixo Téjo para lhe fazer tomar um leito fixo. Tudo isto são obras muito faceis de fazer e graças a Deus que não lembrará a ninguem mandar vir de fóra engenheiros, nem crear-lhe um estado maior para fazer aquillo mesmo que os nossos podem executar.

Diga-se, ao menos por esta vez, que nós os portuguezes soubemos fazer o Téjo navegavel sem vir dar-nos regras nenhum inglez, francez, nem hollandez. — Emquanto no baixo Téjo não crescerem as arvores e arbustos marginaes, abrem-se valas ou esteiros na arêa, logo que as aguas baixarem, trabalhando, sempre que isso possa ser, a balde, braço e pá, pois é o trabalho mais barato que se póde fazer, e nos sitios em que a altura da agua o não permitir empregam-se as dragas. — Se na passagem de alguns rapidos mais violentos, fôr necessario estabelecer algumas machinas fixas para os alar, tambem os portuguezes sabem como se fazem e como se colocam, ou ellas sejão movidas pela mesma corrente do rio, ou das invenções de Fulton por cisternas pendentes, ou emfim de vapor: tudo se conhece e tudo se faz neste paiz; não precisamos dos estranhos para nada, a não ser para commerciar com franqueza e de boa fé, como uma nação livre e independente: — Por conseguinte Deus fade bem esta empreza a vêr se vae avante.

Visconde de Villarinho de S. Romão.

——— *(Continuar-se-ha.)*

ILLUMINAÇÃO DE GAZ.

[*Carta.*]

3850 O ARTIGO 3697 da Revista merece alguns esclarecimentos e refutação. Dezejo a illuminação a gaz, porque intendo, que tem mais vantagens que inconvenientes. Uma só luz de gaz equival a muitas de oleo de purgueira.

Os progressos da nossa terra sempre acham difficuldades. Consome-se tanto dinheiro ás vezes bem superfluamente, pois faça-se alguma despeza n'uma experiencia já approvada ha tantos annos, e para nós nova; porque estou intimamente persuadido de que a camara não hade d'um só jacto mandar allumiar a cidade toda de gaz; mas uma pequena parte d'ella, e saindo-se bem continuar. Alem d'isso a Camara ainda ha pouco tempo annunciou no Diario para lhe serem remettidas as propostas; isto mostra que não hade approvar qualquer d'ellas sem reflectir maduramente: ignoro pois qual seja o projecto, a que o author do artigo 3697 se quer referir, visto que esse negocio ainda agora se acha a concurso, e se bem me lembra por espaço de 60 dias.

Agora desejava perguntar ao author do artigo em que vae a illuminação de gaz prejudicar grandemente a agricultura das oliveiras; se é por causa da illuminação da Cidade (como diz no seu artigo) á um erro, por que nunca poderiam empregar o oleo da azeitona na illuminação, pela rasão de sahir muitissimo caro, e havel-o extraido das substancias animaes, que sáe muito mais barato.

Accresce ainda outra circumstancia, e vem a ser que não ha tanta abundancia de azeite em Portugal, que por se adoptar a illuminação de gaz, haja uma diminuição muito consideravel no consumo; isto é suppondo mesmo que a Cidade fosse allumiada com azeite: e o testimunho d'isto nos deu ha pouco tempo a *Revista Universal Lisbonense* no artigo 2862 contandonos o estrago extraordinario que padeceram estas arvores em Tras-os-Montes: a fartura não nos hade incommodar muito; não se tema que por isso os nossos lavradores abram mão da cultura das oliveiras, para irem trabalhar para as minas de carvão de pedra: se na Inglaterra ha muitas minas, tambem cá em Portugal as póde haver, se houver quem queira trabalhar: e se o azeite lá é pouco; cá por Portugal os sobejos não são nenhuns.

Teria muito mais a dizer, mas ficará para outra vez se fôr mister.

Isidóro José Gonçalves.

N. B. da redacção.

Admittimos por uma e outra parte a discussão d'este ponto por nos parecer sobre modo consultavel n'este momento; mas quanto ao artigo supra, candidamente declaramos que nos parece ter deixado em pé e intactas todas as razões contrarias á adopção do gaz expendidas no artigo 2622 pelo Sr. O. C. e reproduzidas no 3697 pelo Sr. Souza Telles.

NOTAVEL FALTA DE POLICIA MEDICA EM COIMBRA.

3851 GRASSAM ao presente n'esta cidade algumas febres *typhoides*, que um Doutor da Faculdade de Medicina intende se devem attribuir ao uso das pessimas carnes, vendidas nos açougues, acaso fundado na coincidencia da apparição d'estas molestias em similhante quadra, quasi todos os annos, com a extraordinaria magreza das rezes destinadas ao consumo publico, que se vão definhando pela pouquidade e ruindade das pastagens, que n'estes arredores offerece a estação.

Não discutiremos este grave ponto de *Etiologia*, que aliás merece mui serio exame; o que affirmamos, sem receio de contradição, é que talvez em parte nenhuma do mundo civilisado haja maior incuria e despreso n'este importante ramo de Policia (não fallamos agoro d'outros), do que em Coimbra.

No tempo em que este genero de fiscalisação estava a cargo dos Almotacés, que eram escolhidos dos Doutores Oppositores da Universidade, havia irregularidades e abusos, porque muito distava dos conhecimentos d'estes homens (ainda que, pela mór parte, illustrados nos seus respectivos ramos scientificos) o bem apreciar as circumstancias sanitarias dos animaes, que haviam servir de alimento ao povo de uma cidade; mas ainda assim havia grande zêlo, muitos bois eram regeitados, e, se se não fazia todo o bem, os maiores males evitavam-se.

Extinguiram-se esses magistrados, e os seus successores, mais distrahidos com outros negocios, e menos habilitados ainda para tão importante cargo, nem sequer poderam, ou souberam conservar o bem que antes se desfructava.

Consta haverem-se vendido por modicos preços ao marchante encarregado do fornecimento (contracta-o a camara por arrematação) bois marasmados, que sobrepticiamente se teem conduzido ao matadouro, e dahi para os açougues.

Não ha ainda mezes que tambem foi voz constante que nas praças se venderam carnes de porcos, que haviam morrido de repente na Quinta de Revéles.

Do máu carneiro não ha que fallar; bem notorias são as epidemias de carbunculos, que annualmente grassam pelas Carvalhosas, S. Fructuoso, Ceira, Senhor da Serra, etc. e até ás vezes na cidade.

E' verdade que as camaras municipaes, alguns exforços teem feito para obviar a estes males; e um ou outro camarista tem tomado a peito o prevenil-os: honra lhes seja, e nomeadamente ao Sr. Senna, que muito se tem desvelado n'este empenho; mas infelizmente cremos não está em sua mão o remedio.

Incumbir ás camaras municipaes a fiscalisação d'este ramo de saude não desdiz do velho e errado costume de encarregar a uma Junta de desembargadores a composição de um codigo florestal, a intendencia de fabricas, minas, etc.

Conheça ao menos o governo estes desmanchos, e procure-lhes providencias adquadas, como lhe cumpre.

Um medico de Coimbra

REGRAS HYGIENICAS RELATIVAS AO SOMNO.

(*Por um doctor de medicina, mas inimigo de vêr doentes.*)

3852 São necessarias nove a dez horas de somno aos convalescentes e ás creanças: oito á mulher moça: sete ao homem occupado: seis ao ocioso: para o velho bastam cinco, para o enfermo tres.

Quatro horas dormidas de noite restauram mais as forças que seis de dia.

O homem que dorme pouco, é mais irritavel, mais magro: menos capaz do trabalho seguido: digere mal; tem as mãos ardentes, o corpo esquentado, e anda quasi sempre triste e preoccupado.

Nem todos os nossos orgãos dormem. O coração, os pulmões, e o diaphragma trabalham tanto de noite como de dia: e ahi está a razão porque estes orgãos adoecem mais e envelhecem primeiro: n'uma pessoa de 75 annos só estas partes é que teem commumente tal edade, em quanto das outras se póde dizer que só teem 50 annos.

Para começar a dormir é conveniente que a digestão se ache, senão feita, pelo menos começada: que o corpo, os braços e as pernas estejam livres de apertos.

E' bom acautellarem-se antes do deitar contra a bulha, a muita luz e as corrrentes do ar, sem comtudo se enterrarem em profundas alcovas, onde o ar se não renova.

Devem-se desterrar dos quartos do dormir os aromas, as flores de cheiro, especialmente as violetas, as rosas, os jasmins, os cravos, as assucenas, os narcisos.

Camas muito brandas excitam suores e vem a produsir debilidade: a cabeça deve ficar alta, e suficientemente coberta, e os pés quentes. A roupa deve ser leve. Para a cama não se deve entrar sem levar todas as precisões do corpo satisfeitas, e o espirito quanto seja possivel socegado.

E' util acostumar-se uma pessoa a dormir tanto de um lado como de outro; ainda que sobre o lado direito seja mais vantajoso quando não houver molestia que o prohiba: de costas é a posição mais cançada e tambem a mais perigosa, os pesadelos não teem muitas vezes outra origem.

Os maus e os ambiciosos pouco dormem.

O cançasso do trabalho junctamente com a quietação do animo faz-nos dormir melhor que os leitos ricos, fofos e cortinados de seda.

Das paixões umas favorecem o dormir outras o contrariam, e ás vezes acontece que a mesma produz em duas pessoas de diverso temperamento e edade effeitos contrarios. Bernardim Ribeiro tem para si que o amor faz dormir as moças e velar as velhas: mas as velhas que já foram moças é que o podem decidir.

VARIEDADES.

AS COMADRES.

3853 As Comadres á porta!.... ei-las chegadas,
Saltando de contentes,
Annunciando as dansas, mascaradas,
As festas innocentes,
Annuaes distrações a que nos chama
O alegre Carnaval!
Já na côrte, e na aldêa se derrama
Jubilo universal!
Mas qual em tarde de formoso maio,
Procélla inesperada,
N'um lusido arraial desfecha o raio,
Tal minh'alma assaltada,
De tormentosa idéa, me offerece
Contraste doloroso!....
A' mente em vivas côres me aparéce
Ledo quadro saudoso!..
O que amei!.. o que fui!.. que sou agora!
Tenra infancia, onde estás?
Tempo, cuja saudade me devora,
Nunca mais tornarás!
As azas côr de neve despregáste
Qual sonho encantador;
E o meu prazer levando, me deixaste
A mais pungente dôr
Dos espinhos crueis que em vez de flores,
Cravástе no meu peito!
Morte, morte fatal! em teus horrores
Sepultado, desfeito,
Jaz todo o meu prazer, jaz a ventura
Unica de meus dias!
Confundidas no pó da sepultura
As minhas alegrias,
Minha doce esperança, a paz doirada,
Tudo, oh! Deus, pereceu!..
Baquêa tudo no insensivel nada!
Assim se converteu,
Aos olhos meus, um dia de Comadres,
Envolto em luto, em pranto!..
Cantem-lhe as alegrias os Compadres,
Que eu só tristezas canto.

Sobre agreste rochedo habitando,
Onde reina mortal solidão;
Triste mócho nas trevas piando
Jámais ergue sonóra canção.

Sobre as campas de noite carpindo,
Não conhece da vida o prazer;
Ao raiar da manhã vai fugindo
Pois só ama co'as sombras gemer.

Seu piar de continua agonia
Será grato aos ouvidos de alguem;
Tantas aves descantam o dia,
Tenha a noite cantores tambem.

Similhante á nocturna avesinha,
Canções ledas não posso entoar:
Muza em trevas jazendo mesquinha,
Só gemidos se anima a soltar.

D. Antonia Gertrudes Pusich.

COSTUMES POPULARES NO MINHO.

CONVERSAR, BODA, DESAFIOS, FESTA DA VISTA EM LANDIM.

(Carta.)

Porto 7 de Janeiro de 1845.

3854 Nas terras proximas ao Porto ha um costume que julgo não haver em outra alguma parte. Todos os rapazes e raparigas *conversam*. Ora não sei como hei-de explicar o que elles chamam *conversa* que o não é, nem namoro, nem galanteio, mas que partecipa de tudo isto.

E' a conversa entre um só rapaz e uma rapariga: e ninguem passa entre elles ainda que longe estejam um do outro, nem os interrompe a não haver extrema necessidade de tal, e menos ainda se atrevem a meter-se na conversa dos dois, que todavia fallam alto, principalmente se se fiam no seu saber, que é quando mais loucuras dizem.

Se um delles *conversa por papel* diz um longo discurso, que bem pouco ou nada significa, em palavras rimadas quasi sempre, e o outro está *mudo e quedo* até que lhe chegue a sua vez e então se tambem tem o seu papel que recitar, encaixa-o como póde, ainda que nada diga para o que escutou; mas, se é um que fica atarantado com o diluvio de palavras que soaram a seus ouvidos e não sabe o que hade replicar, gaba-se o outro depois da *embaçadella* que deu. Aquelles que dizem o que pensam e fallam corrente e lisamente e não teem uma colleção de palavras (vasias de sentido para elles) que nas ocasiões apertadas lhes servem para responder a tudo, não sabem conversar. A rapariga que só conversa com um rapaz é muito criticada, porque já é conhecido que ha affeição entre ella e o seu conversado: a que é mais cuidadosa da sua bôa fama conversa com todos que a procuram nas festas, até que o seu casamento esteja justo.

Dizem os pobres, que teem o dote contado, e por isso nestas conversas tratam do seu casamento a que os paes raras vezes negam a sua aprovação; mas os filhos dos lavradores deixam quasi sempre este cuidado a seus paes. A primeira conferencia destes para o ajuste é em uma devesa desviada das habitações: depois de bem discutidos todos os arranjos e dote que se hade dar ou receber, declara-se o casamento e vae o noivo e sua familia visitar a noiva e jantam todos; dão de comer aos pobres e fazem ás vezes festejos, dão tiros ou lançam fuguetes os vizinhos e isto repetem no dia do casamento.

Aquella primeira visita do noivo se chama o aparecimento: e dantes suppunha-se ser a primeira vez que a noiva lhe aparecia. Se ha jantar de bodas no dia do casamento, faz-se este ao domingo, que, se casam em dia de trabalho cada um vae da egreja para sua casa e trabalha como se nada fosse. A noiva, rica ou pobre, não vae para casa de seu marido senão dias depois do seu casamento. Se algum delles vem a ser pouco contente da sua sorte, francamente o diz, que a delicadesa não entra na partilha das boas qualidades dessa gente simples e grosseira, nem tão pouco a sensibilidade.

Quando alguem morre, chora-se muito, mas depressa se enxugam as lagrimas. O trabalho a que se dão logo que o defunto é subterrado distrae os aldeãos de suas penas moraes; e a religião acaba de os consolar. Em tudo e por tudo metem elles a Deus em seus discursos. Em logar das saudações das cidades, dizem os camponezes: —Louvado seja Nosso Senhor Jezu Christo. — Para sempre Deus louvado, — fique com Deus etc. — Se uns estão comendo e chega outro, diz: — Que lhes faça muito bom proveito, — ao que lhes respondem, — o mesmo lhe fará se fôr servido. — Nos caminhos se saudam quantos se topam, menos sendo de noite que nada se diz, e até seria arriscado fallar a algum valentão que responderia com duas pauladas.

Costume mais barbaro é ainda aquelle de não ser alguem senhor de dar um saráo em sua casa a pessoas da sua escolha. Uma vez que se toque e dance hade-se abrir a porta a quantos vierem, senão grande desordem haveria e os admitidos seriam as victimas dos excluidos.

Outro uso pouco *cavalheiro* é o de não serem senhoras as raparigas que dançam em uma festa de sairem da dança, ainda que aos primeiros dançadores sucedam outros com que ellas *embirrem*. O desafio que *a cantadeira* tem com o *cantador* se algumas vezes é em estilo amoroso, outras é uma verdadeira declaração de guerra e das palavras picantes passam á descompostura, e neste caso ella está por todos os motivos de peior partido, e muito mais por se não poder retirar. Se ella tem parente ou conversado de brio e que alli não esteja para a despicar, este depois ajunta os amigos e vae ao arraial em que espera achar o offensor: elle, que o avista, reune os seus apaniguados e se espancam uns aos outros. Se as auctoridades preveniram a desordem, elles se encontrarão outra ocasião e terrivel será o conflicto, se os vapores do vinho accrescentarem forças á ira: que uma meia embriaguez nos dias de festa e uma arrogancia bruta, são usuaes defeitos desses aldeãos, assim como o amor á justiça e pontos de honra e veneração, para o valor e coragem virtudes que os caracterisam.

Demais me tenho detido com essa gente que amo apesar de sua muita brutesa e ignorancia. Acabarei a minha carta (que vae sendo, como o costume muito secante) com a descripção d'uma velha usança de *Landim* (aldea mais proxima a Braga que ao Porto e por isso menos conhecida).

Em *Landim*, aldea do conselho de Villa Nova de Famalicão, na ultima malhada de trigo (alli ainda é o braço do homem que debulha todo o grão) o lavrador primoroso faz sahir a *vista* que vae correr a freguezia. Adiante vão dois varredores fingindo grutescamente que varrem o caminho, depois a *vista* que é uma rapariga aceada ou mulher, que sahe com um cesto na

cabeça adornado de fitas e flores e a seu lado um mancebo qne nunca a desampara com um ramo todo cheio de fitas no alto de um grande pão. Vão de guarda á *vista* dois homens com espadas desembainhadas e seguem-na muitos homens vestidos de mulheres, ou com quantas exhibições lhes lembram: depois segue a musica de rebecas e violas, e remata o cortejo uma porção dos malhadores com os mangoaes ao hombro e a gente da aldea que vae acudindo ao motim. A *vista* procura fugir por quantas sendas topa, e se consegue o seu intento os guardas são apupados e correm traz ella e a reconduzem para o gremio da mascarada: em tudo isto conservam a *vista*, o moço do ramo e os guardas um serio e gravidade imperturbavel menos na desenvoltura da corrida. Não será isto algum desfigurado vestigio de antigas festas pagãs?

Uma Obscura Portuense.

NOTICIAS.

SR. LISZT.

3855 Toda a gente que leu os *Mysterios de Paris* sabe, com que esplendida corôa o genio do poeta *Sue* ornou ao genio do musico *Liszt*.

«Il y avait bal et concert à la cour; l'illustre *Liszt* venait de se mettre au piano; aussi le silence le plus recueilli succéda-t-il au léger murmure des conversations. En attendant la fin du morceau, que le grand artiste jouait avec sa supériorité accoutumée, je restai dans l'embrasure d'une porte.

—Quel admirable talent que celui de M. *Liszt*, n'est-ce pas?

—Admirable. Avec quel plaisir vous l'écoutiez!

—C'est qu'en effet il y a, ce me semble, un double charme dans la musique sans paroles; non-seulement on jouit d'une excellente exécution, mais on peut appliquer sa pensée du moment aux mélodies que l'on écoute, et qui en deviennent, pour ainsi dire, l'accompagnement. Je ne sais si vous me comprenez, mon cousin?

—Parfaitement. Les pensées sont alors des paroles que l'on met mentalement sur l'air que l'on entend.

—C'est cela, c'est cela, vous me comprenez, — dit elle avec un mouvement de gracieuse satisfaction; — je craignais de mal expliquer ce que je ressentais tout à l'heure pendant cette mélodie si plaintive et si touchante.»

M. *Eugéne Sue* escrevendo assim a historia das impressões produsidas lá fóra por M. *Liszt*, escrevia ao mesmo tempo a profecia do que nós mesmos estamos hoje experimentando.

As duas noites, em que elle encheu das suas admiraveis harmonias o theatro de S. Carlos, foram para o publico enfeitiçadas, foram para elle triumphaes.

Duas coisas sobre tudo se encarecem em M. *Liszt*, — a ligeireza segurissima e imperturbavel — e o gosto; — por outras palavras, — o estudo e a natureza. — A arte só pelos artistas póde ser justamente apreciada: os artistas o applaudiram com enthusiasmo: a expressão porém, o mimo, a inspiração da alma, isso é para todos, e nós os profanos o percebemos pelo coração tão bem pelo menos como os iniciados: é portanto só d'este segundo dos seus meritos, ou antes d'este primeiro de todos os meritos, que nós nos atrevemos a fallar. O naturalista decompõe, analysa, e descreve o ar; o ignorante entretanto gosa-se d'elle, da sua fragrancia, do seu luminoso doirado, do fresco e macio das suas virações n'uma agradavel manhã, ou n'um saudoso pôr do sol da primavera. Nós recebemos como todos com um quasi religioso recolhimento, e conservamos com amor e com uma especie de gratidão, toda a escala de impressões que, desde o primeiro grau do enternecimento até ao grau ultimo da dor —

Tu che a Dio spiegaste l'ale,

— ou do terror com o coro subterraneo dos demonios, voseando Roberto, M. *Liszt* descarregou electricamente da sua alma para o piano e do piano para as nossas: entretanto (¡ porque não ousariamos a dizer a verdade completa!) o que em algumas folhas de Lisboa temos lido a este respeito tem-nos parecido orçar um tanto de uma parte pela lisonja, da outra pela injustiça: posto não attribuamos essa lisonja senão a uma excessiva cortesia de bons hospedeiros, nem essa injustiça senão a um simples esquecimento.

O gosto de M. *Liszt* enfeitiça, não ha duvida, mas dizermos que nunca outro gosto egual havia entre nós excitado eguaes commoções, — que M. *Liszt* n'este sentido inventou o piano, — parece-nos, repetimos, que não é bem; porque o Sr. *Manuel Innocencio dos Santos* [para fallarmos só de um) por ninguem foi ainda aqui excedido em mimo, em suavidade, em graça, em sentimento intimo, em discreta e abundante variedade. Esta opinião foi a nossa desde a primeira vez que ouvimos a M. *Liszt*: mas temol-a depois achado em grande numero de pessoas, especialmente em damas, que não são de certo o menos competente jury em mtal materia. Se em M. *Liszt* ha mais destresa, e força (o que a nós não toca decidir) esse facto (sem aliás pertendermos rebaixar-lhe o valor) só prova verdadeiramente que em favor d'elle tem a fortuna sido tão boa madrinha, como boa mãe lhe havia sido a natureza: o Sr. *Liszt* vive todo para o piano; o seu piano é uma parte inseparavel d'elle; com elle está, com elle mora, com elle viaja, com elle corre de triumpho em triumphos, de cidade em cidade, de reino em reino, e de corte em corte: em quanto o piano do Sr. *Manuel Innocencio* só recebe, ao cabo de cada dia, desbaratado em grangear sustento para mulher e filhos, alguns escassos quartos de hora, enfraquecidos pelo cançasso, pelo tedio e pelos cuidados do dia seguinte: o Sr. *Manuel Innocencio* consome em ensinar os nomes e os valores das notas o tempo qne M. *Liszt* emprega no meio da abundancia em se deixar inspirar pelo sentimento da sua propria felicidade, e pelos echos dos seus louvores que lhe resoam de toda a parte. — N'uma palavra, o primeiro vive pela arte: o segundo vive para a muzica: — ¿ e quem não aprecia a immensa significação d'estas differenças?! e bem apreciadas ellas, quem recusaria ao menos duas palavras de consolação generosa, a quem nasceu só com o genio em terra em que o genio, nem é riqueza, nem dá honras?!

SEGREDO DA MORTE.

3856 A 22 PROCURAVA-SE em casa de Susanna, fazendeira, juncto a campo de Ourique, a creada d'ella, Leopoldina, moça de 16 annos; — não apparecia em par-

te alguma: — o poço do quintal a restituiu emfim, porém morta. Foi um suicidio? foi um simples desastre? foi uma pena que lhe infligiram por se oppor a outras violencias? foi uma prevenção de quem temeu perder o credito se ella fallasse? ou foi a perturbação e vertigem de um perigo imminente a que a despenhou, inconsiderada, n'outro irremediavel? Tudo isto se pergunta entre os visinhos: e o poço é mudo; a justiça interroga mas é um cadaver a quem interroga.

GRANDE BAILE.

3857 A FESTA de 27 de janeiro, no palacio do Exm.° Ministro do Reino, foi de um luzimento e de um apuro de elegancia que nenhuma outra d'este inverno lhe disputaria preferencias. Desde o portão até ao fundo das ultimas salas e gabinetes tudo estava ornado de flores: os concorrentes só da noite foram orçados em mais de dois mil, incluindo n'este numero talvez seiscentas senhoras. Ahi se acharam as familias dos ministros, dos pares, dos deputados e dos mais altos empregados da milicia, da toga, etc. A musica e a dança duraram até perto da madrugada. Tocaram no pianno M. Liszt e o Sr. Manuel Innocencio dos Santos; cantaram as Sr.as Rossi e Albertini e os Sr.s Tamberlick e Cianati.

NECROLOGIO JURIDICO.

DR. MANUEL FELIX DE OLIVEIRA PINHEIRO.

3858 SABBADO 25 do corrente deu-se á terra no cemiterio do alto de S. João o venerando corpo do Dr. *Manuel Felix de Oliveira Pinheiro*, *sabio jurisconsulto*, *advogado probo*, *e distincto*, *decano dos desta côrte*, *e presidente perpetuo da associação dos advogados de Lisboa*. Falecera de uma apoplexia na vespera, effeito, ao que parece, não tanto da idade, posto que um tanto avançada, pois passava dos setenta, como de enfermidades, que o trabalharam no decurso da vida, e applicação incançavel aos estudos, e negocios da advocacia, que o foram minando por tal modo, que o acabaram, se bem que em boa, comtudo em prematura velhice. Numeroso sequito de amigos, a maior parte collegas da associação, o acompanharam desde a igreja parochial do Sacramento, aonde se lhe fez a encommendação com *libera me* cantado por musica, e toda a mais pompa devida, até á morada ultima, sendo ahi levado á cova por collegas, porque o pegar no caixão da casa para a igreja, e da igreja para o coche pertencia ás irmandades, de que o illustre finado era irmão e juiz. Sem embargo de ser dia de conferencia, intendeu-se logo, e com razão, que a não devia de haver, e que o respeito e amor ao finado pediam ainda mais solemne demonstração. Na volta do prestito lugubre, e já de noite, reuniu a associação. Um panno preto vestia a cadeira da presidencia. Em pé e ao lado della o Sr. *Silveira da Motta* (vice-presidente), depois de um breve proloquio adequado ás circumstancias, em que lembrava a perda soffrida, e o sentimento que della havia, propoz, que a associação désse um publico testemunho de devoção e pezar, tomando nojo por oito dias, conservando-se a cadeira de luto e que acabados, alterando-se para esse fim os estatutos, se pronunciasse o elogio do morto. N'essa conformidade se resolveu por unanime acclamação, e que o encarregado de o fazer e recitar fosse elle vice-presidente: que alli representára o defunto. Acceitou logo o honrozo encargo. Quarta feira de cinza haverá pois uma conferencia extraordinaria destinada a honrar a memoria *do juris-consulto distincto*, *do advogado probo e independente*, *do bom pae de familias e cidadão virtuoso*, em uma palavra, *do decano e presidente da associação dos advogados de Lisboa o Sr. Dr. Manuel Felix de Oliveira Pinheiro*. Demais a solemnidade conformará com o dia, e um advogado e collega, que trilha a mesma carreira de honra e gloria, fará o panigyrico das virtudes civicas e domesticas daquelle, que para ser grande e memorando na sua terra não houve mister, nem de cargos publicos, que o fizessem authorisado, nem de honras e distinctivos, que o illustrassem, que todos, e todas engeitou sempre com rara abnegação, e nobre independencia, que custa a achar. E para se em tudo parecer com os varões do tempo antigo é fama que morreu pobre.

☞ *Consta que seu filho o bacharel* Antonio Miguel Bordallo Pinheiro *vae continuar com o escriptorio de seu pae. E' de esperar, que em attenção ao falecido, e ás tristes circumstancias de sua familia, nenhum de seus constituintes desampara o escriptorio.*

A. G.

Gazeta dos Tribunaes.

CABULOGIA.

3859 RECEBEMOS a primeira folha de uma obra, começada a imprimir em Coimbra, com o titulo de *Cabulogia, ou moral em acção.*

Não conhecemos o poeta auctor d'este brinquedo metrico, mas não é necessario ser adivinhão, para dizer que é um estudante não caloiro em poesia, e que não foi hoje nem hontem que se estreou o seu salgado tinteiro. As peças, contidas n'esta folha são tres sonetos academicamente parodiados, um de Camões, outro de Bernardes, outro de Bocage, *as tristes*, *a sabatina*, *e a cabula*, canção, *parodia do canto 5.° do poema Camões do Sr. Garrett* (as parodias são tambem homenagens aos grandes talentos).

Não nos desagradecerão talvez os leitores, o cedermos á tentação de reproduzirmos, para elles, a ultima peça.

Eil-a aqui: —

— A CABULA —

CANÇÃO.

Correi sobre esta meza carunchosa
Lagrimas tristes minhas, borrifae-a,
Que o peso do Digesto a tem quebrado.
Cabula minha pachorrenta e gorda
Quem entre as folhas te espremeu dos livros?

O viço de meus olhos se ha murchado
Nas fadigas, no ardor sevo do estudo:
Estranhos nomes, ignoradas tretas,
Barbara asneira vi, cahi com somno,
Penei apoquentado entre maçadas,
Vaguei sósinho em cólicas fervendo
Por essas aulas onde mora o susto.
Tudo soffri na esperança d'um friado,
Mas no instante d'havel-o toca o sino.
Cabula minha, pachorrenta e gorda
Quem entre as folhas te espremeu dos livros?

Longe á tarde por margens do Mondego
Na soidão melancolica do Almegre
Ouvi berrando a negregada *cabra* (1),
E d'ouvil-a tremeu minha preguiça.
Alta a noite escutei o bater funebre
Dos tamancos ferrados das serventes
N'esta terra infernal, e ás badalladas
Do relogio ajuntei meus ais mais tristes.
Cabula minha pachorrenta e gorda
Quem entre as folhas te espremeu dos livros?

Os ventos nas janellas assopravão;
Duras rajadas d'aquilão medonho
Mancheas de cascalho semeavão
Pelo roto sobrado: feia a noite

(1) O sino da Universidade.

Nos acenou co'as negras vesp'ras d'aula
Maldictas do socego: e eu só a via,
Eu só na cerração das tempestades
Via brilhar a luz do gazio amigo,
Unico norte meu. Por sobre a meza
Os duros membros negros estendia
Esse Digesto cujo aspecto horrendo
Tantas vezes eu vi: e ás leis sediças
Corri o véo das intrepostas folhas.
Quiz-me punir do ousado atrevimento,
Com que as asneiras lhe vulguei nas aulas,
As iras lhe arrostei, ouvi sem medo
As macilentas folhas abanando
Por entre os turbilhões d'atra poeira;
Vi barbas d'Ulpiano de despeito
Eriçarem-se, e a côr terrena e pallida
A' luz do candieiro apparecendo
Por sediços murrões quasi apagada —
Não me atterrou; que d'almejadas ferias
Me alumiava o farol de Entrudo amigo:
Tempo consolador, mimo da Cabula
Como em breve me deixas na Quaresma! —
Engano lisongeiro do Estudante
Que verdade cruel te ha dissipado!!
Quem foi ceifar-te no melhor da festa
Cabula minha pachorrenta e gorda?

Os échos do Penedo da Saudade,
As *piteiras*, que nascem no caminho
Já me sabem da balda: e o rouco accento
De meu triste carpir macaqueando
No sussurro das folhas ponteagudas
Os arbustos de Midas murmuravam.
Seus vasios canudos bem talhados
Por minhas mãos desentoados guinchos
Ao festejar teu nome derramavão —
O turbulento arbusto parecia
Com minha gran preguiça encanzinar-se.
Cabula minha pachorrenta e gorda
Quem entre as folhas te espremeu dos livros?

O' *Palacios Confusos* tão queridos,
Onde tão doces horas de cavaco
E de troça passei: quarto benigno
Que me escutaste o fol'go ressonando,
Que ouviste meus bocéjos compassados;
O' cantinho da porta d'essas aulas,
Onde m'hia esconder das sabbatinas,
Onde as colicas negras me inspirarão
Mil finas comedellas, mil patranhas;
Que hãode aos bedeis servir d'exemplo e chasco,
Tu guardarás meus planos entre aranhas,
E uns segredos que eu sei, que me escutaste;
E tu dirás aos provindouros cursos
Se trocista não fui, se amei a cabula,
Se por ella, e d'amor por certa moça
Meu coração bateu carpio minh'alma,
Ou modulou meu verso estas parodias.
Moça, moça, rival tu foste *d'ella*,
Tu me ficaste só, não desampares
Quem por ella e por ti quebrava esqutnas
Quem por ti só agora nesta terra
Soffre as maçadas d'uma vida afflicta —
Cabula minha pachorrenta e gorda
Quem entre as folhas te espremeu dos livros?

Espantárão-te os Lentes! — Sem conforto
Fiquei só n'este val'd'impios estudos:
Alma deidade, á sombra de teu manto
Estendida a dormir se espreguiçava
Toda esta humanidade — amarelleço
Arripiado por me erguer tão cedo
C'o frio da manhã. Quem te ha levado?
Quem, rainha dos bichos escholasticos
Te desthronou sem dó, que faz, que espera,
Que não leva tambem d'aqui p'ra fóra
O pobre que sem ti breve entesica —?
Cabula minha pachorrenta e gorda
Oh! põe-me a trinta legoas de Coimbra.

ONDE NOS PODE CONDUSIR UM PRIMEIRO EXTRAVIO.

3860 Na madrugada de 25 do corrente atira-se ao Tejo um rapaz: — procurava a morte: encontra-a. Poucas horas depois, é visto, pescado e conhecido: traz duas notas de moeda de oiro na algibeira.

Servia como caixeiro n'uma loja de loiça: diz-se que para uma especulação particular que se lhe figurava segura, mettêra algum dinheiro do patrão, o qual todavia tencionava restituir: enganadas porém as suas esperanças, não tendo com que repôr o perdido e vendo chegar o momento de ser descoberta a sua fraude, succumbiu miseravelmente á vergonha, e puniu-se do seu crime commettendo o maior de todos.

AS BEXIGAS DA ILHA DE S. MIGUEL.

3861 Como nós folgámos, folgarão os nossos leitores de saber que já o assolador contagio de S. Miguel (veja-se o artigo 3637) vae quasi extincto.

A vaccina mandada vir de Londres pela camara foi recebida com alvoroço e espalhada até pelos soldados: desde então começaram as mortes a rarear. O infortunio d'aquella ilha não será ainda uma advertencia efficaz ao reino e a todas as suas possessões?!

INEXPLICAVEL DESCUIDO DA JUSTIÇA EM CASO GRAVE.

3862 A duas legoas de distancia de *Penafiel* ha uma freguezia chamada *Santo Ignacio de Capella*: morava alli um canastreiro casado com uma mulher ainda joven, da qual tinha um filho. Constava porém que uma distracção amorosa do marido roubava a paz domestica desta pequena familia, e a mulher por muitas vezes era ameaçada por elle, que lhe promettia a havia de esganar, e com tanta decisão lhe fazia estas ameaças, que a infeliz prognosticou seu funesto fim.

Assim foi: no 1.º do corrente appareceu ella deitada na cama, mas sem vida; via-se um cadaver, mas eram dois os fallecidos, porque aquella mãe trazia no ventre ha sete mezes uma menina: logo a opinião publica indigitou o marido por auctor de tão horroroso attentado, os precedentes, e o apparecer ella com fortes contusões no pescoço, não havendo mais ninguem em casa, tudo fazia persuadir que só elle matára a quem os deveres mais sagrados lhe impunhão a obrigação de defender.

O que se suppõe auctor deste crime fugiu da freguezia; e se é elle o criminoso, deve buscar a companhia das féras, fugindo da dos homens.

A justiça prosegue nas suas averiguações, mas é de sentir que o auto de corpo de delicto fosse feito sem a

assistencia do ministerio publico, o que importando insanavel nullidade, faz que seja tardio o castigo de tanta malvadez. *Cosmopolita.*

CAÇADOR DE PEGAS.

[*Carta.*]

Santiago de Cacem 10 *de janeiro de* 1845.

3863 E' o primeiro domingo de janeiro. Na egreja matriz de *Santiago* acaba de se dizer a missa do dia. O povo, depois de ir beijar o Menino Jesus, deitadinho no seu presepio, que está ainda muito bem enfeitado e bonito com o seu triguinho verde, e musgo, e com a vaquinha, e a mulinha, lá se vai escoando pelas portas do templo aos encontrões, e a ver quem mais ha-de furar e saír primeiro. Guardae-vos de ir lá meter-vos n'aquelle barulho; porque se tiverdes a fortuna de ficar livre d'uma pisadella ou entallão, de certo não escapareis ao denso salseiro d'agua benta, que innunda aquelle ambiente. Tal é o costume dos camponezes, que, não contentes de tomar para si uma boa manxea d'agua benta, com que borrifam de tal sorte a testa e rosto, que podiam muito bem dispensar-se de o lavarem em casa, tambem vão mimoseando os que se descuidam d'aquella cerimonia com copiosas aspersões, que é força soffrer pela cara e fato.

A multidão já tem diminuido; — uma ou outra pessoa ainda lá se aproxima ao presepio para beijar o menino e deixar a sua esmolla. — Mas que faz o sachristão alli a espreitar atraz da porta da sachristia, e a mirar muito bem todos os que vão e vem do presepio? O caso é estranho! E demais a mais armado com o cabo da vassoura; — certamente não é para varrer, que está tudo muito limpo.

Olhem, — lá vai ainda uma devota adorar o Menino Deus — lá lhe beija as facesinhas e os pés — lá estende a mão, talvez para deixar alguma esmolla. Jesus! o que está ella fazendo! Vai empalmando todos cumquibus, que estão espalhados aos pés do Menino, e que a piedade dos fieis alli depositou; e lá se aballa com elles.

Ah! grandissima ladra, atrevida — já sei quem me roubou o Menino Jesus e São Sebastião o anno passado; espere que eu lhe dou a paga.

Dizendo estas e quejandas palavras, o sachristão sae do seu ponto de observação, e a vai zurzindo com o cabo da vassoura até á porta da egreja d'onde sae muito lampeira e fresca, como se nada fosse com ella.

D. V. etc.

Francisco Alexandre de Vilhena.

SACRILEGIO.

3864 Escreve-nos o Sr. *João José Jara*, de Loulé, que a 13 d'este mez fôra roubada de algumas das suas alfaias a egreja de S. *Lourenço d'Almancil.*

BAILE DE MASCARAS.

3865 Consta que no proximo Carnaval ha-de haver em S. Carlos o costumado baile de mascaras, e augura-se por alguns dados estatisticos dos frequentadores e praticos d'esse mundo das festas, que ha-de ser consideravel pelo numero e variedade dos desfarces.

Deus permitta que uma coisa tenha elle de mais, outra de menos que os precedentes: — de menos, as mascaras de defunctos, de chagados, de miseraveis, de frades, e de freiras: de mais, o espirito do gracêjo, conversação adequada ao papel de cada um, enredos inofensivos e alguma especie de movimento, além do movimento das pernas; saltar e uivar com um palmo de papelão vermelho no rosto e não faser nenhuma outra coisa é demasiamente pueril para gente grande: o primeiro melhoramento pertence á policia realisal-o; o segundo depende até certo ponto da boa vontade dos concorrentes.

O ARCO DE SANTA ANNA — CHRONICA PORTUENSE.

3866 » Está impresso e vai publicar-se immediatamente um romance em dous volumes com este titulo, que não póde deixar de excitar grande interesse aos apaixonados de um genero de litteratura hoje tão popular. »

» Diz-se ser um manuscripto achado no convento dos *Grillos* do Porto por um soldado do corpo academico. E' sabido que o corpo academico, nos primeiros mezes do cêrco, teve o seu quartel geral naquelle convento; mas suppomos que, á maneira de Sir *Walter Scott*, o auctor do romance, para guardar e poetisar o segredo do seu anonymo, juntou ficção a ficção, e fez romance de romance. »

O arco de *Santa Anna* era uma das muitas feições gothicas, um dos monumentos da meia idade que caracterisavam a parte antiga da cidade do Porto. Sobre o arco estava uma capellinha da Santa, que dava o nome ao arco e á rua; rua estreita, escura e tortuosa como eram todas as daquelle tempo. Nem o arco nem a capellinha existem já hoje: foram sacrificados aos melhoramentos materiaes da cidade. Reconstruidos porem agora na saudosa imaginação do auctor do romance, são o principal logar da scena onde elle se passa, e o fóco de interesse da sua historia. E' uma legenda antiga incrustada nas antigas pedras de um monumeto; é até certo ponto, o mesmo pensamento da *Notre-Dame* de *Victor-Hugo*. Felicitamos a nossa litteratura por entrar nesta carreira »

» A historia passa-se no tempo de D. *Pedro, Cru*; e este rei, o mais popular e o mais poetico de todos os nossos soberanos, o celebre bispo do Porto que elle castigou por suas mãos, e as desavenças do povo daquella cidade com o seu prelado e seu senhor, são as principaes figuras e acção do quadro que nos offerece. — Ha damas, cavalleiros, frades, conegos, procissões, estudantes, e tudo quanto póde entrar n'um romance portuguez da meia idade. »

« Não diremos nada do estylo, nem fallaremos, por nenhum modo, do merito da execução. Pouco mais sabemos da obra do que o que levamos dicto, e reservamo-nos para a examinar quando fôr mais conhecida. »

« Vende-se em todas as lojas do costume. »

Tudo isto diz o *Diario* de 25 do corrente; e damos-lhe toda a fé, pois suppomos ser escripto por muito bom juiz em coisas litterarias. Quanto a nós esperamos tambem pela publicação do romance para fallarmos d'elle com conhecimento de causa.

NAUFRAGIO DA MEDUSA.

3867 E' opinião geral que nunca em theatro por-

tuguez se representou peça de tanto effeito scenico e tão completa illusão como o *Naufragio da Medusa*, que no *theatro do Salitre* se está dando, ha tempo, com enchentes successivas. O drama alli é o accessorio: os grupos numerosos, os movimentos, o scenario, o maquinismo é que são o principal; scenario e maquinismo é tudo obra de uma só pessoa, e essa portugueza, do Sr. João Alberto de Sousa.

OPERA PORTUGUEZA.

3868 Diz-se que o nosso famoso pianista, o Sr. *Daddi*, tem prompta uma opera de sua composição, que já offereceu á empreza de S. Carlos, para alli ser representada. Como a patricio lhe desejamos boa sorte, todo o favor da parte da empreza, que subsidiada pelo governo portuguez deve ajudar as coisas portuguezas, toda a boa vontade da parte da companhia, que sendo estrangeira se deve esmerar em provar aqui a sua gratidão pela boa hospedagem que os da terra lhe tem dado, e da parte emfim dos ouvintes que devem animar e esforçar os conterraneos que poem peito ao dificilimo empenho de lhes gradar.

BRAZIA PARDA.

3869 O drama de *Brazia Parda* pelo Sr. *Antonio Pereira da Cunha* já se anda ensaiando e brevemente se representará no theatro dos *Condes*. Se a execução corresponder ao escripto será peça para muitos applausos e muito tempo. Da comedia das *Duas filhas* a esta, vae uma incommensuravel distancia de merito: cada passo d'este illustre mancebo equival um arrancado vôo de aguia.

Deus lhe restitua as forças muito cedo, que na sua enfermidade enfermam tambem, não levemente, as lettras patrias.

HERANÇA DO BARBADÃO.

3870 A' Brazia Parda seguirá o drama a *Herança do Barbadão*, o mais recente dos escriptos do mesmo auctor que nos acaba de encantar com a sua leitura.

A *Herança do Barbadão*, pertence á eschola moderna reformada: é uma vingança negra e atroz, muito crime e muita fatalidade, mas nem punhaes, nem venenos, nem infernos, nem demonios; estylo chão e cazeiro, eloquencia natural, grandes effeitos com pequenas palavras.

O Sr. *Pereira da Cunha* pertence á eschola dramatica do sr. *Garrett*; exemplar para dialogo não o podia escolher com mais acerto: é um discipulo que dá honra ao mestre e que já tambem, como mestre, poderemos citar e seguir quanto a isto.

A POBRE DAS RUINAS.

3871 A maré das composições dramaticas vae enchendo a olhos vista. Se outros beneficios, que se esperavam e se deviam esperar, não trouxe a fundação do Conservatorio Real da arte dramatica, este de crear poetas para a scena, que era de todos o maior, larga, larguissimamente o produsiu. A posteridade não haverá só devido ao Sr. Garrett uns poucos de livros primorosos, assignados com o seu nome, mas uma ampla collecção de dramas portuguezes e os primeiros em portuguez merecedores de serem por ella recebidos.

Dos varios mancebos que uma nobre emulação trouxe a colher palmas n'este campo, ainda ha dez annos tão ermo e tão esteril, foi o primeiro, tem sido o mai constante e o mais constantemente coroado o Sr. *Mendes Leal*. Seis dramas originaes, todos diversos no fundo e na fórma, enchem o curto intervallo que separa os *Dois Renegados* da *Pobre das Ruinas*, que o mesmo auctor começará brevemente a ensaiar no theatro dos *Condes*: mas se tanta fecundidade d'invenção é rara, mais rara e mais louvavel é ainda a candura, a probidade litteraria, digamol-o assim, com que docil ás criticas dos seus sinceros amigos e ás advertencias da sua propria reflexão, tem sabido de victoria em victoria ir-se expurgando, — não diremos dos seus defeitos, mas do excesso das suas boas qualidades, — da exageração no sentimento, do arremessado nos pensamentos, do nimio extraordinario nas ficções, em summa de tudo aquillo, que posto agrade ás turbas, não deixa com tudo de ser condemnado por um gosto mais illustrado e mais seguro que o d'ellas.

A *Pobre das Ruinas* pareceu-nos (se é licito avaliar uma obra d'este genero por uma primeira leitura) o melhor e o mais eloquentemente sincero dos escriptos dramaticos do nosso amigo.

A lastima é que um ingenho, que, por tantas e tão claras provas, tem manifestado ser para muito, não gose de uma fortuna independente, que lhe permitta entregar-se todo ás suas nativas inspirações; que o espirito roje escravo das necessidades da materia, d'essas miseraveis necessidades, que tão pouco, tão pouco bastaria para destruir. Traduzir, imitar pobres comedias e até pobrissimas farças do francez, quem n'esse tempo nos podia crear novos titulos de gloria, dramas como a *Pobre das Ruinas* ou tragedias como o Viriato, é atroz! e entretrato vê-se e tolera-se. O theatro normal para ahi está devorando a quem o podia e devia engrandecer. Mas deixemos isto.

O martyrio de um poeta, isto é, de um homem eminentemente sensivel, que é obrigado para não morrer á mingua a comer ás escuras a sua propria alma, ninguem o póde intender senão quem o passa. Que importou ao povo contemporaneo de Chaterton, a morte prematura de Chaterton? ao povo contemporaneo de Gilbert e de Malfilâtre a morte prematura de Gilbert, a morte prematura de Malfilâtre? ao povo contemporaneo de Homero a mendicidade de Homero? ou ao povo contemporaneo de Camões, o hospital de Camões? Tudo o que a esses homens se devia, só lh'o pagaram depois os vindoiros em palavras, lamentando que o egoismo e indiferença de seus avós os desherdasse do que o genio lhes poderia ter legado. São peccados que todas as gerações mais ou menos commettem, sem se sentir, mas que nenhuma perdoa ás que a precederam.

ERRATA.

A pag. 321 — col. 2.ª — lin. 60 onde está *enxofre* deve estar *figado de enxofre*.

A pag. 322 — col. 1.ª — lin. 2 em vez de *serpentes* é *torpentes*.

No artigo 3794, aonde diz — Agoa ardente *duas onças*, lea-se *tres libras*.

Revendo a rogos do Sr. Dr. *Nilo*, o original, por lettra sua que ainda conservamos, do artigo 3748, a pag 134 e 135 d'este volume, *Banhos: publicos. Synopsede algumas molestias tractadas* etc. achamos que, a respeito do doente *Guilherme Aragão*, S.S.ª escrevera *melhorado* e não *curado*, como por erro saíu na nossa folhá